

**O FUNDO QUE NOS UNE:
POR UMA INTERSUBJETIVIDADE SOCIAL EM FLUSSER¹**

**THE STUFF THAT HOLDS US TOGETHER:
FOR A SOCIAL INTERSUBJECTIVITY IN FLUSSER**

Roberta Dabdab²

Resumo

As atuais pesquisas na área de oftalmologia e saúde pública apontam para um dado alarmante e curioso: metade da população mundial terá miopia até 2050. Aliada a este “fato”, está a hipótese dos pesquisadores da cultura e comunicação de que estamos vivendo sob um modelo de sociedade que “achata” e encurta” nossa percepção e relação com nosso ecossistema e que vai nos direcionando rumo a uma “miopia social” (termo desta pesquisadora) ou uma “dissociação do ambiente” questão que sabemos ser central para Flusser. Partindo do curso “Filosofia e Evolução das Ciências”, ministrado por ele na Poli em 1959, quando questiona e critica a maneira como a ciência ocidental moderna se originou e o Humanismo decorrente, fica claro perceber como suas ideias para uma “teoria do conhecimento” demonstradas ali, se mostravam profundamente relevantes e já sinalizadoras para os sintomas apresentados nas correspondências dos anos 70 e 80 (Rodolfo Geiser; Gabriel Borba e Milton Vargas) e, que parece se concretizar de forma plena nos anos 20 do século XXI. Para deixar documentado, em 2021 estamos vivendo uma catástrofe sanitária e fascista de gigantescas proporções e que são claramente decorrentes desta miopia e da falta de compreensão deste “fundo comum de humanidade” (Viveiros de Castro, 2010, p. 20) no qual estamos inseridos junto aos outros. A pergunta que acompanha a Antropofagia de Oswald de Andrade e que esta presente no artigo “Ame (sic) o teu outro como a ti próprio” (Baitello, 2013, p. 8): “como incorporar o outro, e como ser incorporado pelo outro, sem que se perca a diferença na identidade?” (Flusser, 1982, p.1) precisa ser respondida, e com ela talvez um esclarecimento do que são gestos, modelos, objetos, coisas, outro, pessoas, diálogos, relações, até a sua Comunicologia. Para Flusser, o gesto que acompanha o modelo da civilização ocidental é o do homo Faber – gesto de informar e engajar (outros, coisas e não coisas) e “é gesto discursivo, emissor para receptor pelo canal da mediação” e o desafio é como não o transformar este outro em objeto ou aparelho ou fetiche. A proposta desta “exposição” é apresentar a abordagem ecológica flusseriana – sua teoria do conhecimento- como um caminho democrático e responsável para a compreensão da nossa realidade e construção de uma intersubjetividade social. E pontualmente relacionar os conceitos de Intersubjetividade e Religiosidade em Flusser com os conceitos de Perspectivismo, Multinaturalismo e Humanidade presentes na cultura ameríndia e proposto como uma filosofia por Viveiros de Castro.

Palavras-chave: Miopia Social. Perspectivismo Social. Gesto Social. Intersubjetividade Social. Ativismo Social.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Diálogo, Discurso e o Outro na Comunicação, do VII ComCult, Faculdade de Comunicação da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

² Doutoranda do programa de Comunicação e Semiótica PUC SP. E-mail: robertadabdab.9@gmail.com

Abstract

Current research in the field of ophthalmology and public health points to an alarming and curious fact: half the world's population will be nearsighted by 2050. Coupled with this is the hypothesis thought of by researchers in the cultural and communication areas that we are living under a model of society that "flattens" and "shortens" our perception and relationship with our ecosystem. Apparently, this is leading us towards a "social myopia" (this researcher's term) or some sort of "dissociation from the environment", a question we know is central to Flusser. Based on the course "Philosophy and Evolution of Sciences", taught by him at the Poli in 1959, when he questions and criticizes the way in which modern Western science originated and the resulting Humanism, it is crystal clear how his ideas, then suggested, for a "theory of knowledge" were profoundly relevant and pointed to the symptoms presented in the correspondence of the 1970s and 1980s (Rodolfo Geiser; Gabriel Borba and Milton Vargas), and which seems to be fully materialized in the 20s of the 21st century. In order to leave it documented, in 2021 we are living a health and fascist catastrophe of gigantic proportions. This is evidently the result of this myopia and lack of understanding of this "common stuff of humanity" (Viveiros de Castro, 2010, p. 20) in which we are inserted together with the others. The question that follows Oswald de Andrade's Anthropophagy and which is present in the article "Ame (sic) o teu outro como a própria" (Baitello, 2013, p. 8): "how to incorporate the other, and how to be incorporated by the other, without losing the difference in identity?" (Flusser, 1982, p.1) needs to be answered, and with it perhaps a clarification of what gestures, models, objects, things, the other, people, dialogues, relations, even their Communicology are. For Flusser, the gesture that accompanies the model of Western civilization is that of *homo faber* - a gesture of informing and engaging (others, things and non-things) and "it is a discursive gesture, sender to receiver through the channel of mediation" and the challenge is how not to transform this other into an object or apparatus or fetish. The purpose of this "exhibition" is to present the flusserian ecological approach - his theory of knowledge - as a democratic and responsible path for understanding our reality and building social intersubjectivity. It also aims to relate the concepts of Intersubjectivity and Religiosity in Flusser with the concepts of Perspectivism, Multinaturalism and Humanity present in Amerindian culture and proposed as a philosophy by Viveiros de Castro.

Keywords: Social Myopia. Social Perspectivism. Social Gesture. Social Intersubjectivity. Social Activism.

Introdução

Quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. (KRENAK, 2020 p.96)

Para começar, gostaria de destacar a escrita engajada de Flusser com o Brasil (1970). Sabemos que o Brasil hoje, em 2021, vive um momento político e social de polarização extrema, pois para além das consequências trazidas pela pandemia de covid-19, a sociedade brasileira nunca deixou de apresentar aumentos significativos na desigualdade social e na corrupção sistêmica, mantendo-se míope para aquilo que realmente importa: o que estou chamando de "o fundo que nos une".

Brasil: para mim uma sociedade que me acolheu, que tem uma estrutura aberta e maleável, que contém todos os meus amigos, que tem menos inveja e mais generosidade que qualquer sociedade que eu conheço, cuja enorme maioria sofre terrivelmente, e que está sendo encaminhada atualmente para o desastre de uma radicalização e de uma guerra fratricida. Nessa sociedade me engajei e para ela quero contribuir com meu trabalho, embora sem sacrifício das

minhas convicções e sem abandono das minhas duvidas e reservas. É a sociedade na qual meus filhos estão integrados. Por isso a situação atual me torna infeliz e me preocupa. (Flusser para Vargas, 01/04/70, p.14)

A proposta aqui é mostrar que Flusser passou sua existência escrevendo e apontando para a crise que construímos, nós ocidentais, ao nos “desexistencializarmos do nosso entorno”, a partir da infeliz cisão corpo espírito de Descartes, que perdurou pelos séculos e séculos e que possivelmente esteja sendo “reconhecida” neste aqui e agora, nos anos 20 do século XXI.

Uma curiosidade: o termo “desexistencializar” usado por Flusser não aparece no google, nem nos dicionários da língua portuguesa e consta em seu artigo “Do presente ao ausente”.

Podemos afirmar que a vida no planeta Terra vai mal e a vida no Brasil vai muito mal também: reconhecer o quanto estamos encaalhados, manipulando ou substituindo o lixo pelo lixo do nosso *lebenswelt*, “coberto por espessas camadas de preconceito (julgamentos prévios), que nos fazem acreditar em objetos e sujeitos” (Sd-6, p.115) é reconhecer o importante “alerta” de Flusser para este cenário na correspondência com Rodolfo Geiser entre os anos de 1980 até 1991, e no seu artigo A Consumidora Consumida (1970). (Dabdab, 2020)

Outro dado para ser considerado vem das pesquisas na área da oftalmologia e saúde pública que apontam para um fato curioso: metade da população mundial terá miopia até 2050. O que isso pode significar senão a seqüela de uma sociedade que foi se moldando para vivenciar e dialogar apenas com aquilo que está “próximo”?

E como não associar esta seqüela, que a pesquisadora chama de miopia social, com a relação que construímos com o outro, o estranho, o diferente, apontada por Flusser em seu artigo “Ama teu outro como a ti próprio”, e também, com o “nomadismo praticado apenas com os olhos e ouvidos em segundo plano; melhor dizendo um nomadismo voyeurista” que Baitello define a partir do “modus operandi” da relação que desenvolvemos com os meios tecnológicos de comunicação. (2012, p. 29)

De maneira que o Flusser dos anos 60 seguiu escavando e diagnosticando, uma existência humana pautada sob um modelo de sociedade que “aplaina” e “limita” a percepção em relação ao entorno (outros e ambiente) e que segue assim, como uma onda, até nos dias de hoje. O chavão diagnosticado por Flusser do termo “sociedade do consumo”, como todo clichê não representa a realidade: “Na verdade somos uma sociedade impotente para o consumo” (sd-1, p.126).

Se consumimos menos que produzimos fica claro o surgimento da camada de lixo recalçado - físico e psíquico- que nos bloqueiam o caminho. Gostaria de incluir aqui também a

ideia de Baitello que vai dizer que o lixo é o grande ícone do outro, aquilo que não incorporamos em nossas vidas, que apenas passa por elas e é descartado. (2013, p. 8)

O homem moderno, o criador da ciência, da técnica e da noção de progresso, se comportava como se tivesse a seu dispor guindaste metafísico que o elevava para o ponto de vista de Deus. Olhava o mundo de fora “*sub specie aeterni*”. Comportava-se como se pudesse ocupar o lugar deixado vago quando Deus morreu. Tal “alpinismo” vertiginoso, chamado “pensamento transcendente”, é feito tanto mais admirável quanto mais captarmos a sua técnica, a sua dúvida metódica. A dúvida “suspendia” o mundo (por exemplo a cartesiana) e tal suspensão resultou na transformação milagrosa do homem em “sujeito do mundo”. (por exemplo a coisa pensante). Simultaneamente o mundo se transformou em “objeto do homem”, (por exemplo a coisa extensa). (Sd-8, p. 26)

Vale lembrar que Flusser define objeto, coisa e não coisa como: “algo que está no meio, lançado no meio do caminho (em latim, *ob-iectum*; em grego, *problema*). (2017, p.194)

“Flusser era um ser espôngico, de alma colorida e extremamente erudito” nos contou o prof. Ivo Bridi³. E disse mais: “como fonte de inspiração, o prof. Flusser era uma usina de ideias, com um repertório vasto e maravilhoso. Ele era preocupado com o tecido social, com uma ética do bem comum” (2021). Ivo Bridi foi aluno de Flusser na Poli nos anos 60.

A abordagem ecológica flusseriana propõe a tríade sujeito, objeto e ambiente, para pensarmos o mundo da vida e o nosso estar no mundo. Defendo a ideia de que foi a partir dela que Flusser, nos anos 80, vai se dedicar a refletir sobre os ambientes dos meios comunicacionais e tecnológicos, desenvolvendo assim sua comunicologia. A abordagem ecológica flusseriana é uma ecologia para a sociabilidade, e o fundo que nos une tem a ver com isso.

O fundo que nos une é latente, fenomenal, imprevisível e tende a entropia.

Flusser se dedicou a pensar uma abordagem para o acesso ao mundo e as relações que desenvolvemos nele estruturada na fenomenologia de Husserl; que abandonasse as dualidades e pontos de vistas predeterminados e fixos, como o objetivismo e o subjetivismo, por uma teoria do conhecimento que não polarizasse, não radicalizasse, que fosse necessariamente pluralista, com sua estrutura na ecologia, antropologia e filosofia.

Sua proposta era a de ir ao encontro a uma realidade concreta baseada em relações concretas e para este constructo: “não existe sujeito, matéria, assunto puros: um homem que

³ Depoimento do prof. Ivo Bridi durante aula na pós graduação COS- Puc 25/03/2021.

nada sabe, nada sente, nada faz e nada deseja. A realidade de um homem é o fato de estar relacionado com o mundo. O homem fora de qualquer relação, é uma abstração.” (Sd-7, p. 05)

Realidade para Flusser é a intencionalidade, é o que pretende a consciência, é imprevisível. É uma vez que este organismo é capaz de agir sobre o mundo - está necessariamente imbricado nele - passa a agir politicamente e isso é ponto chave para a ecologia flusseriana. A grosso modo quer dizer que devolvemos para o mundo tudo aquilo que recebemos dele em processo retroalimentar.

Flusser segue desenvolvendo uma maneira de acesso à estrutura da realidade pautada no ambiente, e nas relações espaço temporal inter-relacionadas. Para ele qualquer futura teoria do conhecimento precisa começar a aceitar o fato concreto de que o conhecimento é algo que faz a realidade.

A realidade é um tecido de relações e os nós que estas relações formam não são reais: são nós de relações. O homem é um nó de relações. E objetos no mundo também são. De fato: a medida da realidade de um sujeito e de um objeto é o número de relações nas quais ele participa. Mas as relações que compõem a realidade são dinâmicas. Elas "fluem" de um horizonte para outro, elas têm uma "intenção". O horizonte do qual elas fluem será o sujeito, o horizonte para o qual elas fluem será o objeto. O conhecimento está nesta relação. É a intenção de um futuro conhecedor em direção a um futuro conhecido. Portanto o sujeito é o horizonte onde a intenção começa, e o objeto é o objetivo da intenção. Sujeito e objeto podem ser distinguidos pela intenção da relação. Eu me torno um sujeito do conhecimento (conhecedor) se houver uma intenção, e a coisa lá se torna um objeto de conhecimento, se esta intenção apontar para ela. Não existe outro critério para a distinção entre homem e objeto no mundo. O homem se torna real se sua intenção é saber o mundo. O mundo se torna real se se pretende que ele seja conhecido. (Sd-7, p. 05)

Aqui podemos atualizar o raciocínio de Flusser em diálogo com a nova antropologia – Descola e Viveiros de Castro – uma vez que ambos convergem suas pesquisas apresentando as sociedades ameríndias como uma organização social muito particular, pois incluem os não humanos na sua vida social. De fato, são sociedades que passam sua vida se relacionando mais com não-humanos, do que com humanos, afirma Descola⁴.

Um pensamento arqueológico e ecológico considera todos os existentes – homens, plantas, animais, vírus, objetos técnicos, divindades, prédios, robôs- como agentes sociais ou produtores de sociabilidade. A noção de sacralidade e religiosidade de Flusser tem a ver com isso.

⁴ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515670-em-busca-de-um-novo-lugar-para-o-homem-e-a-natureza>.

O fundo que nos une é sacro, profundo e humano.

Pois orientar-se no mundo é, no fundo, questão religiosa. (Flusser, Sd-5, p. 88)

Para lidar com as consequências da ação da ciência moderna e seus dogmas, Flusser apresenta a ideia da religiosidade como um sentimento que está ligado à vivência interna do homem, e que embora “variável e insegura, é a nossa única avenida de acesso ao fenômeno religioso”. Para ele a religiosidade é a nossa capacidade para captar a dimensão sacra do mundo e que o sacro é tudo que engloba o mundo e a nossa vida dentro (1964, p. 67)

Nos estudos gramaticais, o uso do sufixo “dade” designa ao substantivo, uma qualidade, um modo de ser, uma propriedade; de maneira que a religiosidade para Flusser é um *modus operandi* de religação com os outros, um estar no mundo religioso em um *continuum* estrutural “socioecológico” e, de certa maneira, uma irreligiosidade, se compararmos com os modelos propostos na história: catolicismo, marxismo, nazismo entre outros tantos.

Me parece relevante aproximar o pensamento ameríndio de Viveiros de Castro com a teoria de Flusser, uma vez que ambos – cada um em seu tempo- buscaram alternativas ao pensamento ocidental - maneiras “ecológicas” na relação com o entorno - e mais pontualmente alternativas para a metafísica canibal deflagrada pela condição de sujeito exclusivo do homem.

Viveiros de Castro nos mostra como são emancipadas as sociedades indígenas no que diz respeito aos seus modos de ser e na estrutura da organização social. Sustenta que o perspectivismo ameríndio, ao assumir que todo vivente, sejam eles amebas, arvores, tigres ou filósofos, são seres pensantes, é a afirmação duplamente inversa da ocidental: “o outro existe, logo pensa” (2007, p. 117). Reconhece que se existe um outro, existe um outro pensamento não necessariamente o meu; na estrutura social dos índios as relações são concebidas de maneira completamente distinta da nossa: “não é porque se tem algo em comum que se comunica, mas porque, sendo diferente, tem-se interesse em ter uma relação com outra coisa que não nós mesmos” (idem, p. 93). O que é isso senão a intersubjetividade?

O fundo que nos une é intersubjetivo e vinculador.

A partir da ideia de miopia social como sequela de uma sociedade que “se percebe, e é percebida” sobre um encobrimento da realidade, objetivando o conhecimento e aproximando-se do mundo da vida de maneira predatória e depredatória, quero resgatar o conceito filosófico

do Reconhecimento⁵ proposto por Flusser como “instrumental” para o acesso aos outros e ao ambiente. (Sd-4 e Sd-7)

Na beira da clareira a qual me encontro, na fronteira entre meu passado e meu futuro, encontro outros que estão aqui comigo. Estão presentes. Conversam comigo e eu converso com eles. Estamos em conversação, os outros e eu. A nossa conversação é o presente. Estando em conversação, estou no presente. O assunto da nossa conversação, o assunto do meu presente, são os objetos do futuro. (Sd-4, p 112)

Flusser diz ser possível reconhecer o ponto de vista do outro porque é possível se reconhecer no Outro e que a conversação é mediação imediata entre corpos e que esta relação não mediatizável entre “devorador e devorado, eu próprio e o outro” é a intersubjetividade. Também é categórico em dizer que reconhecimento não é conhecimento pois não procura objetivar os sujeitos e objetos, mas ao contrário, procura criar relações entre eles.

Ainda podemos reagir contra a tendência nefasta. Não pela insistência num “progresso” que tende a ausentar os outros e reconhecer as coisas. Mas pela insistência no reconhecimento dos outros como outros. Recusemos a degradação do outro em coisa, e a dignificação da coisa em outro. Para podermos fazer isto, devemos evitar tanto o racionalismo coisificante, como o irracionalismo simulador de outros. O esforço é, pois tanto de intelecto como de atitude. Intelectualmente podemos elaborar novas disciplinas de conhecimento, e existencialmente devemos esboçar uma rebelião contra as coisas que nos coisificam. Assim ainda podemos evitar a ausência dos outros e a presença das coisas. (idem, p. 113)

O reconhecimento acontece no aqui e agora e traz a perspectiva intersubjetiva: confirma a sacralidade do outro. O reconhecimento é intersubjetivo.

O fundo que nos une pede por humildade e reconhecimento.

O amor é questão de consciência. (Kierkegaard)⁶

Na última parte da tentativa de “conceituar” esta dimensão que nos une, temos que “reconhecer” que a guerra fratricida⁷ intuída por Flusser, de fato está acontecendo neste aqui e agora e que, de fato, a percepção do outro ou melhor dos outros – os índios já nos ensinaram que somos outros -, vem sendo “colonizada” por narrativas neoliberais, um modelo de

⁵ O conceito de Reconhecimento - Anerkennung - de Hegel.

⁶ No livro: As obras do amor. 2003

⁷ na carta ao amigo Milton Vargas citada no começo do artigo.

capitalismo guloso e que, de fato, usam da lógica do panóptico, fazendo-nos enxergar apenas o que lhes/nos interessa. A alteridade não me parece presente nesta lógica.

Viveiros de Castro vai dizer que: “a metafísica ocidental parece ser a fonte de todos os colonialismos que soubemos inventar” (2010, p. 16), e Flusser já sinalizava para este colonialismo, e propunha, conforme já falado aqui, a fenomenologia como acesso aos outros que nos cercam.

O método husserliano substitui assim a atitude "natural" (isto é, moderna) do pensamento que é uma atitude preconceituosa, instaurando uma atitude de simples e ingênua intencionalidade. O mundo deixa de ser um “cosmos” e passa a ser um correlato da vivência da consciência contempladora. Está superada a distinção sujeito e objeto. Termos como "subjetivo" e "objetivo" passam a perder o seu significado. A consciência vivencia os objetos contemplativamente, e depois, quando desvenda sua estrutura, seu *eidos*, vivencia esses objetos em pensamento como valores e como metas. Essa estrutura da realidade se dá dentro da pura vivência da consciência e essa vivência confere significado à realidade. (2017, p. 180)

Assim a busca por uma tomada de consciência “ecossocial”, um engajamento para o ambiente através de uma posicionalidade relacional, política e humilde com os outros é a meta da ecologia flusseriana e isso tem tudo a ver como a noção de “humanidade” dos povos ameríndios.

Viveiros de Castro nos conta que enquanto o homem ocidental produz “visões de mundo” diferentes para um mundo igual a si mesmo – o ambiente enquanto algo fixo, recebendo as camadas de gestos “antropo-falo-ego-logocêntricos”⁸, para os índios, a maneira de ver é sempre a mesma, ainda que passe de uma espécie para outra: o que muda é o próprio mundo.

Tem-se, então, esta dupla inversão. A humanidade é universal, o espírito é universal, não o corpo. Para nós, é o corpo que é universal no sentido em que somos todos feitos da mesma substância – os átomos, o carbono, o DNA etc. (2007, p. 98)

Para o índio tudo é gente; não existe diferença ontológica entre um araweté, uma onça e um tucano. Viveiros de Castro vai dizer que a noção de humano, enquanto tal, não é dada a espécie natural (*homo sapiens*), “o que é prenhe para eles é a categoria dos sócios do próprio grupo”. (2010, p. 24)

Se pegarmos a mitologia popular darwinista de que os humanos foram animais, a animalidade é o fundo comum que nos liga ao resto dos animais. O que os índios afirmam é exatamente o oposto. O fundo comum do ser é a humanidade.

⁸ Termo cunhado por Suely Rolnik em seu livro Esferas da Insurreição- Notas para uma vida não cafetinada.

A regra é a humanidade e não a animalidade. Por isso, os animais é que foram humanos. Eles continuam sendo humanos, mas agora têm uma roupa animal por cima, exatamente como nós temos uma roupa humana por cima. (idem, p. 25)

Na mundividência dos índios, o sentido para “humano” é o nome de uma relação, de uma posição em relação a outras posições possíveis. “Humano” é sempre a posição do sujeito, daquele que diz eu: “O humano não é uma questão de ser ou não ser; é estar ou não estar em posição de humano. A humanidade é muito mais um pronome do que um nome. A humanidade somos nós”. (Viveiros de Castro, 2007, p. 113)

Isto quer dizer que para os índios todas as espécies podem ser consideradas humanas em um momento e outro, que tudo é “humanizável” graças a possibilidade de tudo ser pensado em termos de autorreflexão; um permitir à possibilidade de reflexão (idem). E sabemos que a intenção de se refletir tem tudo a ver com a intersubjetividade.

De maneira que seguindo Flusser e suas escavações, nos parece claro o quanto precisaremos evoluir para que consigamos pensar por exemplo, a guerra fratricida atual como de fato uma dinâmica estruturada na história brasileira – transformar o outro em objeto foi exatamente o que os europeus fizeram quando aqui chegaram e continua sendo a dinâmica da sociedade regida pelo neoliberalismo e do solucionismo⁹ tecnológico.

E o mais importante a emergência de desenvolver maneiras de nos religarmos – tomemos consciência do nosso entorno- com tudo que está a nossa volta e que nos une enquanto um sistema vivo, sustentável e retroalimentar. A ideia de religar pressupõe uma energia vinculadora.

Foi em 1591 que o filósofo, teólogo, escritor, matemático, poeta, teórico de cosmologia, ocultista hermético e frade dominicano italiano, Giordano Bruno¹⁰ escreveu uma teoria geral sobre “aquilo que nos move”, a magia dos vínculos: “vínculos autênticos e particularmente eficazes são aqueles que são provocados pela aproximação dos opostos” (Bruno, 2007, p.116). Poucos anos depois o frade foi queimado vivo na fogueira pela Inquisição romana, acusado de heresia ao defender pontos de vista considerados erros “religiosos”.

E para terminar quero dizer que a noção de um fundo que nos une veio de uma experiência própria, de uma sensibilidade desenvolvida e alimentada pela minha vivência como fotógrafa.

⁹ “O neoliberalismo encolhe os orçamentos públicos; o solucionismo encolhe a imaginação coletiva” (Morozov, 2020). Disponível em: <https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Giordano_Bruno

Referencias

Baitello Jr. Norval. *As Quatro Devorações. Iconofagia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura*. Compós. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_735.pdf

_____. (2012). *O Pensamento Sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Paulo: Unisinos.

_____. (2013). *O inóspito: uma pequena arqueologia do conceito de espaço no pensamento de Vilém Flusser*. *Flusser Studies* 15- May 2013, p. 1-10. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/baitello-o-inospito.pdf>. Acesso em: 09 junho 2021.

Bruno, Giordano. (2007). *De la magia. De los vínculos em general*. Buenos Aires. Cactus.

Dabdab, Roberta; Baitello Jr, Norval; Menezes, J.G.O. (2020). *As Crateras de Itabira. Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser sobre a Ecologia*. Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1153>. Acesso em: 09 junho 2021.

Descola. Philippe. (2012). *Em busca de um novo lugar para o homem e a natureza*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515670-em-busca-de-um-novo-lugar-para-o-homem-e-a-natureza> . Acesso

Flanagan, Judith; Fricke, Tim; Morjaria, Priya; Yasmin, Sumrana. (2019). *Myopia: a growing epidemic*. *Community Eye Health*. V. 32 (105). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6688420/>. Acesso em: 09 junho 2021.

FLUSSER, Vilém. *Correspondência a Milton Vargas*. (1966 – 1977, 1 of 2 p.01-128) Cor_1_6-MV_3117. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=879. Acesso em 13 junho 2021

Flusser, Vilém. (2017). *O ultimo juízo: geração II: castigo e penitência*. Organização Rodrigo Maltez Novaes, Rodrigo Petronio. São Paulo: É Realizações.

_____. (2007). *O Mundo Codificado*. São Paulo. Cosac Naify

_____. *Filosofia e Evolução das Ciências*. (1959, p. 16-34). Courses 7_2-PHIST [1999] Pós-Historia. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1397. Acesso em: 09 junho 2021.

_____. *A consumidora*. (S.d-1, p.126-136). Essays 1_Portuguese- A_10_A. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565>. Acesso em: 28 agosto 2020.

_____. *Ame teu outro como a ti próprio*. (Sd-2, p. 90-91). Essays 2_Portuguese- A_ABER-AUT. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1565>. Acesso em: 28 agosto 2020.

_____. *Da Dívida*. (Sd-3, p. 69-76). Essays 5_Portuguese -D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflussersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1569. Acesso em: 28 agosto 2020.

_____. *Da Realidade*. (1963, p. 31- 35). Courses 9_2-DUVAB. Da Duvida e Do Absurdo – Curso IBF 63. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1399>. Acesso em: 28 agosto 2020.

_____. *Da Religiosidade*. (1964, p. 67-68). Essays 5_ Portuguese -D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1569. Acesso em: 28 agosto 2021.

_____. *Do Presente e Ausente*. (Sd-4, p. 112-113). Essays 7_Portuguese-D_DO ESP-DUG. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1571. Acesso em: 28 agosto 2021.

_____. *Modelos Mudam*. (Sd-5 p. 83-89). Essays 12_Portuguese- M. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1576>. Acesso em: 28 agosto 2021.

_____. *On Husserl*. (Sd-6, p. 113-117). Essays 6_English-O. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1538. Acesso em: 28 agosto 2021.

_____. *Phenomenology: a meeting of west and east?* (Sd-7, p.2-7). Essays_ English- P-R. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1539>. Acesso em: 28 agosto 2021.

_____. *Pontos de Vista*. (Sd-8, p. 26-28). Essays 15_Portuguese-P. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1579. Acesso em: 28 agosto 2021.

Rolnik, Suely. (2018). *Esferas da Insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo, N-1 edições, 2018.

Viveiros de Castro, Eduardo. (2007). *Coleção Encontros*. Beco do Azougue Editorial. Rio de Janeiro.

_____. (2010). *O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo*. Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 44, n 4, p.15-26. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n4/a02.pdf>. Acesso em: 09 junho 2021

_____. (2020). *Metafísicas Canibais*. N-1 Edições. São Paulo.